

A OBRA CIENTÍFICA DE MATTOSO CÂMARA JR.

Aryon Dall'Igna Rodrigues

IEL - Unicamp

Dentro de três semanas se completarão dez anos do falecimento de Joaquim Mattoso Câmara Jr. São dez anos de ausência física do professor consciencioso e metódico, do conferencista profundo e agradável, do scholar criativo e estimulante, que, além dos sessenta anos de idade, mostrava mais iniciativa, mais entusiasmo e maior operosidade que a maioria dos estudiosos da língua e da lingüística neste país, muito mais jovens e muito mais presunçosos que ele. Mas são dez anos, também, de presença continuada e atuante daquele que foi não apenas o pioneiro, mas o propugnador constante e imbatível dos estudos lingüísticos sérios, cientificamente bem fundados. Essa presença que tem estado no espírito e no trabalho dos poucos que tiveram o privilégio de conver e de cooperar com Mattoso e dos muitos que muito aprenderam da lingüística e da língua portuguesa nas aulas, nas conferências e, sobretudo, na ampla obra escrita, subtancialmente voltada para a informação, para a instrução, para a formação lingüística de mais de uma geração de estudiosos brasileiros; essa presença que se evidencia na reiterada reimpressão de suas obras por diversas editoras, que se disputam um autor verdadeiramente procurado; essa presença que nos levou ao consenso fácil de que os esforços empreendidos para a realização do V Instituto Interamericano de Lingüística e do VII Instituto Brasileiro de Lingüística deveriam ser consagrados à memória daquele que vale como exemplo para todos nós, lingüistas e estudantes de lingüística, que no Brasil procuramos contribuir para a compreensão da linguagem e, através dela, para a compreensão e a intercompreensão da humanidade.

A obra escrita de Mattoso Câmara Jr., que abrange quase uma centena de estudos científicos, uma dezena de traduções, mais de quarenta resenhas ou resenhas, diversas obras didáticas e artigos na imprensa diária (cf. Naro e Reighard 1972 e Uchôa 1972), pode ser vista como comportando duas ênfases especiais: o ensino da lingüística e a análise da língua portuguesa.

O ensino da lingüística, a que se consagrou por mais de trinta anos (desde 1938), exerceu-o não tanto nas salas de aula, mas sobretudo através de seus livros e artigos. Foi o primeiro professor de lingüística numa universidade brasileira, a Universidade do Distrito Federal, instituição liberal e inovadora, criada no Rio de Janeiro em 1935, mas extinta pela reação conservadora, apoiada no Estado Novo, já no ano de 1939. Mattoso, depois de aí ter estudado em 1937, ensinou lingüística geral apenas nos

dois últimos anos de existência da universidade. Extinta esta, foi criada em seu lugar a Faculdade Nacional de Filosofia, a qual instalou uma versão mais antiquada e menos científica do ensino na área de línguas e literaturas, em que não havia lugar para a ciência lingüística. Conseqüências mais graves teve essa substituição de uma universidade progressista por uma faculdade conservadora na antiga Capital da República, já que a Faculdade Nacional de Filosofia foi erigida, pelo Ministério da Educação, em padrão (restritivo) para todas as demais faculdades de filosofia, ciências e letras do Brasil. Assim, Mattoso ficou sendo, por mais de dez anos, apenas um professor de língua em escolas secundárias. Para ele, entretanto, esse não deixou de ser um período muito fecundo, no qual publicou suas lições dadas na Universidade do Distrito Federal e que se converteram no conteúdo da primeira edição, em 1942, dos hoje clássicos Princípios de Lingüística Geral (Câmara Jr., 1942); publicou numerosos artigos e resenhas; estabeleceu contacto com os antropólogos brasileiros, na pessoa da Dra. Heloísa Alberto Torres, então Diretora do Museu Nacional; e, justamente graças à intervenção desta ilustre antropóloga, foi aperfeiçoar seus conhecimentos e realimentar seu estuásio numa breve mas extremamente proveitosa visita aos Estados Unidos da América, de setembro de 1943 a abril de 1944.

Após a volta ao Rio de Janeiro, elaborou sua análise fonológica do português (Câmara Jr., 1953), a qual submeteu como tese de doutoramento à Faculdade Nacional de Filosofia, da qual nunca foi aluno. Com base nessa tese e nos exames então requeridos, obteve o título de Doutor em Letras Clássicas no ano de 1949. No ano seguinte foi convidado a ensinar lingüística geral no curso de Letras Clássicas da mesma faculdade, oportunidade a que se apegou, apesar das condições precárias do emprego, como assistente com remuneração muito baixa, o que o obrigava a continuar como professor do ensino secundário. A oferta da disciplina de lingüística geral ficou restrita aos estudantes de Letras Clássicas (excluídos os de Letras Neolatinas e os de Letras Anglo-germânicas) e só foi prevista para o último ano de estudo, como um complemento dos estudos dos filológicos e não como um elemento formativo básico.

Desejando ter condições de promover os estudos lingüísticos no Brasil, Mattoso procurou cumprir os requisitos formais da carreira universitária. Já em 1952 se submeteu às provas de livre-docência na mesma Faculdade Nacional de Filosofia, mas desta vez na área de Língua Portuguesa, com nova tese, agora sobre a estilística da língua portuguesa (Câmara Jr., 1952). Em termos práticos, de pouco lhe valeu o título de livre-docente, porque o seu sólido conhecimento lingüístico incomodava os velhos e os novos catedráticos, cuja erudição se baseava em regra na reprodução de lugares comuns de uma literatura filológica ultrapassada. A congregação da Faculdade Nacional de Filosofia nunca promoveu Mattoso, apesar de seu doutorado e de sua livre-docência, acima da humilde posição de assistente; pelo contrário, chegou a examinar proposta, partida de um de seus catedráticos, de extinção da disciplina de lingüística geral, considerada irrelevante numa faculdade de letras! Mattoso conseguiu passar a professor adjunto somente no fim de sua vida, "por antigüidade", como me disse, já que sua faculdade nunca lhe reconheceu o mérito.

Já se vê, por aí, que não foram fáceis as condições de trabalho de Mattoso Câmara Jr. E é realmente notável que, tendo de ensinar português em três ou quatro escolas ao mesmo tempo, com uma perda considerável de tempo e de energias, tenha mantido uma produção constante e tenha estado sempre ao corrente de todo o desenvolvimento da lingüística na Europa e nas Américas. Por exemplo, refere-se, em 1966 (Câmara Jr., 1967), à gramática gerativa transformacional citando de Chomsky não só os Aspects de 1965, mas também a Cartesian Linguistics de 1966, tal como em 1949 publicara resenha da tradução francesa dos Princípios de Fonologia de Trubetzkoy, aparecida naquele mesmo ano. E é particularmente notável como continuou divulgando os conhecimentos lingüísticos fora da faculdade, em seus escritos e em suas conferências.

Foi, entretanto, distinguido por convites para ensinar em Universidades da Europa e da América do Norte: na Universidade de Lisboa, em Portugal, onde ficou dois anos e foi o inaugurador do ensino da lingüística geral; na Universidade de Washington, em Seattle, onde ensinou história da lingüística e estrutura do português; na Universidade Georgetown, em Washington, D.C., onde por duas vezes foi professor visitante. Também integrou o corpo docente dos Institutos Interamericanos de Lingüística promovidos pelo Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (PILEI) na Universidad de la República, em Montevidéu, e na Escuela Nacional de Antropología e Historia, no México.

Dos escritos de Mattoso, o que teve maior divulgação no Brasil e que mais tem contribuído para disseminar conhecimentos científicos sobre a linguagem, é o que ele intitulou de Princípios de Lingüística Geral, cuja primeira edição em livro saiu em 1942, mas que já fora em parte publicado parceladamente na Revista de Cultura durante os anos de 1939 e 1940. Durante um quarto de século foi o único texto introdutório à lingüística produzido em língua portuguesa, e mesmo agora continua sendo o mais abrangente, mais sólido e melhor escrito. Cada uma de suas quatro edições (1942, 1954, 1959 e 1964) é uma verdadeira edição nova, reelaborada, aperfeiçoada, atualizada. Notável é o cuidado que tinha Mattoso com a incorporação de novos conhecimentos e com a melhoria do texto. Era extremamente escrupuloso não só com esta, mas com todas as suas obras, em que cada detalhe era objeto de grande ponderação, tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto no que respeita à forma. Uma das características principais dos Princípios de Lingüística Geral está na seleção dos tópicos, que assegurou uma cobertura muito ampla dos domínios da lingüística desenvolvidos até a década de 50, no confronto das principais posições tomadas nesses domínios por lingüistas tanto da Europa quanto da América e no tratamento crítico dessas posições, aceitando umas e rejeitando fundamentalmente outras. Ninguém menos que Roman Jakobson disse ser esta obra "uma das poucas exposições críticas realmente modernas dos problemas centrais da lingüística geral". E Eugenio Coseriu, outro grande lingüista com ampla experiência internacional, declarou em 1968 que "desde a sua segunda edição tornou-se 'esta obra' o melhor manual de introdução à lingüística até agora publicado em país latino" (Coseriu, 1968:29).

A atuação docente de Mattoso Câmara Jr. através dos Princípios da Lingüística Geral foi complementada e reavivada continuamente pelos inúmeros escritos

seus consagrados à divulgação, sempre acompanhada de apreciação crítica, das atividades das linguísticas na Europa e nos Estados Unidos. Desde 1945, quando editou sua exposição sobre a situação dos estudos linguísticos nos Estados Unidos da América do Norte, publicou quase uma vintena de artigos ou conferências sobre eventos como "a Conferência de Indiana entre antropólogos e linguistas" (1955), "o VI Congresso Internacional de Linguistas" (1955), ou "os congressos internacionais de linguística" (1968); sobre a obra de grandes linguistas, como Jespersen (1946), Edward Sapir (1954), Gonçalves Vianna (1956), Roman Jakobson (1956), Morris Swadesh (1967); ou sobre temas especiais da linguística, como "a teoria sintagmática de Mikus" (1956), "glotocronologia e estatística léxica" (1960), "o estruturalismo linguístico" (1967). Nos últimos dez anos de sua vida preocupou-se Mattoso em historiar e avaliar criticamente as contribuições linguísticas de seus predecessores no Brasil, seja analisando a obra de filólogos e gramáticos importantes, como Saïd Ali (1961), João Ribeiro (1961), Antenor Nascentes (1966), seja fazendo levantamentos amplos como "Os estudos de língua portuguesa em Portugal e no Brasil" (1967), "Brazilian linguistics" (1968, na grande obra coletiva Current Trends in Linguistics), assim como "Os estudos de português no Brasil" (1968 e 1969).

Ao grande esforço despendido por Mattoso Câmara Jr. para divulgar no Brasil os conhecimentos linguísticos se devem também as numerosas traduções que empreendeu. A primeira delas foi do livro clássico de Edward Sapir, A Linguagem. Traduziu-o já em 1938, quando trabalhava na Universidade do Distrito Federal, mas só encontrou editor dezesseis anos mais tarde, em 1954. De Sapir traduziu também dez artigos, que reuniu num volume intitulado Linguística como Ciência, publicado em 1961. E de Roman Jakobson verteu para o português seis trabalhos fonológicos, enfeixados sob o título Fonema e Fonologia (1967). Além disso, traduziu artigos de Swadesh, Greenberg, Trager e Smith, entre outros. Outro livro que traduziu, mas que nunca se publicou, porque a única cópia manuscrita da tradução se perdeu nas oficinas da companhia editora, foi Language de Otto Jespersen.

Ainda à atividade didática lato sensu de Mattoso Câmara Jr. se deve o Dicionário de Fatos Gramaticais, elaborado sob os auspícios da Casa de Rui Barbosa e por esta publicado em 1956, no qual "não se visou ao problema terminológico, senão a uma divulgação de conhecimentos doutrinários", segundo o próprio autor na sua "explicação preliminar" (Câmara Jr., 1956:11).

A análise da língua portuguesa é a outra importante faceta da obra científica de Joaquim Mattoso Câmara Jr.. A língua portuguesa foi o grande objeto dos estudos linguísticos mattosianos. Note-se que os seus Princípios de Linguística Geral trazem, na 1a. edição, o subtítulo "como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa" e, nas edições subsequentes, "como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa". Também o Dicionário de Fatos Gramaticais, agora mesmo referido, tinha como objetivo "dar, em ordem alfabética, para consultas ocorrentes, as noções gramaticais, como base para a compreensão estrutural, funcional e histórica da língua portuguesa" (Câmara Jr., 1956:11).

Os estudos analíticos de Mattoso se distribuem por dois ramos maiores :

estudos estilísticos e estudos gramaticais. Não correspondem, esses dois ramos, a fases distintas da atividade intelectual de Mattoso, mas a dois campos de interesse permanente, ambos presentes em sua produção científica ao longo dos mesmos trinta anos. Entre os estudos estilísticos, destacam-se certamente as análises de diversos aspectos do discurso de Machado de Assis, tanto em prosa, quanto em verso, as quais se estendem de 1941 a 1962. Mattoso procurou mostrar as possibilidades de uma estilística estrutural, articulada com a lingüística estrutural. Aliás, para ele a estilística era um domínio da lingüística lato sensu. Nesse sentido amplo, a lingüística tinha como objeto o discurso (entendido o termo como equivalente à parole saussuriana), o qual "se fundamenta num sistema de representação lingüística, que é a língua, e também sistematiza os recursos lingüísticos para a manifestação psíquica e o apelo numa estruturação estética, que é o estilo" (Câmara Jr., 1964:20). Assim, os estudos estilísticos de Mattoso se integram perfeitamente em sua concepção de lingüística geral e não representam, como se poderia pensar, uma outra atividade, paralela à do lingüista. Como ele mesmo disse em sua Contribuição à Estilística Portuguesa: "A estilística vem complementar a gramática" (1953:25).

Os estudos gramaticais de Mattoso Câmara Jr. incidem, essencialmente, sobre a estrutura fonológica e a estrutura morfológica da língua portuguesa. Sua contribuição Para o estudo da fonêmica portuguesa é o primeiro estudo fonológico (e não simplesmente fonético) publicado em língua portuguesa, apresentado como tese de doutoramento em 1949 e publicado em livro em 1953. Os únicos antecessores que teve na análise fonológica do português do Brasil foram os breves artigos de Robert A. Hall Jr. sobre "os fonemas unitários do português brasileiro", publicado em 1943, e de David R. Reed e Yolanda Leite sobre "os fonemas segmentais do português brasileiro, dialeto paulista", publicado em 1947. Ao contrário desses artigos, que se limitam a expor sumariamente o inventário dos fonemas apreendidos em duas variedades do português do Brasil (de Vitória, ES, e de São Paulo, SP, respectivamente), o estudo de Mattoso consiste numa discussão fundamentada de toda a análise por ele desenvolvida com base na "variedade coloquial tensa do Rio de Janeiro" e é antecedido de uma substancial discussão e explicitação dos fundamentos teóricos da análise. Aliás, em sua fundamentação teórica Mattoso confronta os princípios da fonologia de Praga com os da fonologia norte-americana, tanto de Sapir quanto de Bloomfield, e lança mão em sua análise do que considera mais acertado em cada uma delas. Para o português europeu não existia, então, o ensaio de "fonética (e fonologia)" do lingüista dinamarquês Holger Sten, publicado em 1944.

O estudo fonológico de Mattoso não só aprofundou o conhecimento objetivo do português brasileiro e do português em geral, mas também teve a virtude de introduzir no Brasil as idéias fonológicas então predominantes na Europa e na América do Norte.

No âmbito da morfologia portuguesa, ocupou-se Mattoso tanto da estrutura nominal quanto da estrutura verbal. Seus estudos morfológicos são predominantemente morfofonêmicos e complementam seu esforço por uma compreensão ampla da fonologia do

português. Então nesse caso os estudos sobre o gênero (1966, 1969) e sobre o número (1967, 1969) nos nomes e sobre a estrutura morfológica do verbo (1966, 1969). De outra natureza, mais funcionais em sua orientação, são os estudos sobre "a forma verbal em ria" (1956) e sobre o pronome ele como acusativo, este, muito a propósito, publicada como homenagem a André Martinet (1957). Neste último artigo, mostra a reorganização do sistema de pronomes no português coloquial do Brasil, que culminou com a equiparação morfológica do pronome ele aos nomes e aos demonstrativos.

A obra que coroa a dedicação de Mattoso Câmara Jr. ao estudo da língua portuguesa é The Portuguese Language, elaborada especialmente para a coleção "História e Estrutura das Línguas" da Editora da Universidade de Chicago. Trata-se da melhor apresentação de conjunto de nossa língua, harmonicamente integrada e agradavelmente legível, abrangendo toda sua estrutura de ambos os pontos de vista, o sincrônico e o diacrônico. Foi publicada somente em 1972, embora o manuscrito tenha sido concluído em 1965.

A fonologia e a morfologia do português foram retomadas, com variantes de tratamento e com inclusão de novos tópicos, em dois livros feitos, por assim dizer, à revelia de Mattoso. Trata-se de Problemas de Linguística Descritiva (1969) e Estrutura da Língua Portuguesa (1970). O primeiro resultou de palestras feitas na Universidade Católica de Petrópolis e publicadas na revista petropolitana Vozes, as quais foram reunidas e reimpressas em volume, com o qual os responsáveis pela Editora Vozes quiseram fazer uma "agradável surpresa" ao autor: "aqui está seu livro de gramática da língua portuguesa!" Diante do fait accompli Mattoso ficou emocionado e embaraçado com o gesto social e contrafeito com a impropriedade editorial e, segundo me confesso, conseguiu ao menos impor ao livrinho o título menos comprometedor de "Problemas de linguística descritiva". Ele, que sempre teve o maior escrúpulo na elaboração e revisão de seus livros, ganhou, no fim da vida, um livro não programado, nem revisado! A idéia do segundo livro nasceu justamente dessa situação: propôs-se Mattoso escrever um livro orgânico sobre a estrutura da língua portuguesa, que superasse o opúsculo imprevisto por seus amigos de Petrópolis. Pôs-se a trabalhar rapidamente e em pouco tempo colocou no papel os capítulos introdutórios, os de fonologia e os de morfologia, inclusive uma nota em que dizia de seus propósitos. Em seguida, porém, verificou que ia necessitar de muito mais tempo para concluir o livro, especialmente, como me disse, para elaborar a parte de sintaxe, sem a qual não considerava admissível a publicação de uma "estrutura da língua portuguesa". Pediu de volta o manuscrito já entregue e suspendeu, sem prazo determinado, a sua publicação. Entretanto, como infelizmente veio a falecer poucos meses depois, a editora se apressou em recuperar o manuscrito incompleto e a publicá-lo sem nenhuma revisão, sem nenhuma editoração, sem sequer fazer compilar as referências bibliográficas, sem as quais todo leitor se sente ludibriado. Nada de pior poderia ter acontecido a um escritor escrupuloso! Felizmente, dois anos mais tarde, foi publicada The Portuguese Language por uma casa editora competente, numa edição primorosa, aquela de que Mattoso mais se orgulharia se estivesse vivo, mas praticamente desconhecida no Brasil.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. dedicou, ainda, parte apreciável de seus esforços à promoção dos estudos de línguas indígenas brasileiras. Conhecedor como poucos da obra lingüística de Humboldt, de Boas, de Sapir, de Bloomfield e de tantos outros lingüistas com visão antropológica da linguagem, compreendia bem a importância que tinha a investigação das línguas dos povos indígenas para a lingüística geral. Além disso, desenvolveu relações de grande simpatia com os antropólogos brasileiros seus contemporâneos, com os quais cooperou continuamente, de diversas formas. Lembremos que sua viagem aos Estados Unidos, em 1943, foi incentivada pela eminente antropóloga Heloísa Alberto Torres, então Diretora do Museu Nacional e mais tarde Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Já antes de partir para o exterior pronunciou palestra sobre "Língua e etnografia" na Sociedade Brasileira de Antropologia, em junho de 1943, publicada no ano seguinte na Revista do Museu Nacional. Em 1953 participou da reunião no Museu Nacional em que foi fundada a Associação Brasileira de Antropologia, tendo feito um relatório sobre a lingüística e sua relevância para os estudos antropológicos. Em 1955 falou sobre língua e cultura aos antropólogos do Museu do Índio, que havia pouco fora criado por Darcy Ribeiro. Em 1957, o Museu Nacional publicou o Manual de Transcrição Fonética, que Mattoso organizou como orientação prática para antropólogos em contacto com línguas indígenas. Em 1958 organizou um Setor Lingüístico na Divisão de Antropologia do Museu Nacional, destinado especialmente a promover "o estudo, as pesquisas e o tombamento das línguas indígenas e dos falares portugueses regionais do Brasil" (Museu Nacional, 1965:7). Logo apoiou o estabelecimento de um acordo entre o Museu Nacional e o Summer Institute of Linguistics, pelo qual se estimulava a pesquisa de línguas indígenas brasileiras por aquela instituição, cuja atuação no Brasil estava sendo incentivada principalmente pelo antropólogo Darcy Ribeiro.

Embora não inclinado ao trabalho de campo, tendo mesmo recusado a oferta que lhe havia feito Heloísa Alberto Torres para conseguir-lhe recursos para a visita a um grupo indígena, produziu no Setor Lingüístico do Museu Nacional diversos trabalhos de lingüística indígena, seja revendo e avaliando criticamente a contribuição de outros especialistas (por exemplo, A obra lingüística de Curt Nimuendajú, 1959), ou analisando dados disponíveis na literatura publicada (por exemplo, Alguns radicais Jê, 1959), ou ainda elaborando considerações sobre problemas atinentes à classificação das línguas indígenas ("Classificação das línguas indígenas brasileiras", 1959; "Do estudo tipológico em listas de vocábulos indígenas brasileiros", 1959). Em 1960 ministrou um curso aos estudantes de etnologia do Museu Nacional, no qual tratou da natureza da linguagem e das características das línguas indígenas e fez revisão crítica dos estudos dessas línguas no Brasil, no qual demonstrou familiaridade notável com quase tudo que havia sido publicado desde a época colonial; e discutiu, também, algumas diretrizes para a pesquisa nesse domínio. As aulas desse curso (inclusive três ministradas por Sarah C. Gudschinsky, do Summer Institute of Linguistics, sobre técnicas de pesquisa lingüística) foram publicadas em 1965 sob o título Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras. No mesmo ano de 1965 publicou-se também uma brochura sobre O Setor Lingüístico do Museu Nacional, na qual se incluíram vários escritos programáticos de Mattoso

Câmara Jr., inclusive sobre "Pesquisas dieletológicas no português do Brasil" e "Plano de estudo para estagiários-bolsistas estrangeiros".

Mattoso continuou participando regularmente das reuniões bienais da Associação Brasileira de Antropologia, tendo sido membro de seu Conselho Científico. Sua interação com os antropólogos foi de grande importância, tendo desenvolvido entre os profissionais brasileiros da antropologia uma compreensão do alcance das pesquisas lingüísticas e um forte espírito de cooperação com os lingüistas.

Se na Faculdade Nacional de Filosofia Mattoso Câmara Jr. sempre teve um salário irrisório, que o obrigava a dedicar a maior parte do seu tempo a dar aulas elementares em múltiplas escolas para assegurar a subsistência de sua família, no Museu Nacional não teve ele salário nenhum na época em que tanto contribuiu para a interação entre lingüistas e antropólogos. O Museu não dispunha de recursos para contratá-lo, de modo que todo o trabalho aí desenvolvido por Mattoso, de organização, de orientação, de manutenção de um Setor Lingüístico, foi pura obra de benemerência. Entretanto, os antropólogos, ao contrário dos filólogos, souberam reconhecê-lo e, não podendo pagar sua excelente colaboração, deram-lhe boas instalações para seu trabalho e testemunharam-lhe sempre um grande apreço. Eis as palavras do então Diretor da Divisão de Antropologia, na apresentação do livro Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras: "A Divisão de Antropologia tem para com este mestre uma dívida que não sabe como saldar. Em troca do muito que nos dá só lhe oferecemos o ambiente de trabalho, a respeitosa admiração e o caloroso tributo do nosso reconhecimento".

E Mattoso estava sempre pronto a colaborar com novos empreendimentos que visassem ao desenvolvimento da lingüística, como se fosse um jovem de vinte e tantos anos. Quando a mesma Divisão de Antropologia do Museu Nacional me convidou, em 1966, para aí organizar um programa pós-graduado de ensino de lingüística, consultei Mattoso sobre sua disposição de colaborar e fui por ele animado a levar adiante o projeto. Como eu mesmo entrei para o Museu na qualidade de bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas, porque a escassez de recursos continuava a mesma da década anterior, tratei de assegurar financiamento externo para o programa projetado. Este veio da Fundação Ford, que facultou uma complementação salarial aos professores e que nos possibilitou iniciar o Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Museu Nacional em 1968. Aí trabalhamos juntos em 1968 e 1969, e essa foi a primeira vez que Mattoso teve a oportunidade de ensinar a estudantes pós-graduados de lingüística no Brasil. Foram dois anos que se passaram muito rapidamente, com muitos planos de ação. Mattoso se aposentava na Faculdade de Letras, novo nome da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, e eu tentava induzi-lo a liberar-se de seus diversos pequenos empregos em escolas particulares, já que havia condições de remunerá-lo adequadamente no Programa de Pós-Graduação. O projeto principal de trabalho que considerávamos, de imediato, era a revisão e atualização da História da Lingüística, que havia escrito para o curso que deu, anos antes, na Universidade de Washington. O agravamento de sua saúde em fins de 1969 e seu falecimento em fevereiro de 1970 pôs término, lamentavelmente, a este e a outros projetos. Livrou, entretanto, o velho e incansável lutador, de mais uma grande desilusão: já naqueles

dias articulavam os herdeiros dos catedráticos da Faculdade Nacional de Filosofia, junto à Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a proibição ao Museu Nacional de ministrar cursos de lingüística.

Não só no plano interno, do Brasil, trabalhou Mattoso Câmara Jr. em prol do desenvolvimento do conhecimento lingüístico, mas também no plano internacional. Já no ano de 1963, quando organizávamos o Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (PILEI), dispôs-se a participar da reunião de fundação, que foi o Simpósio de Cartagena, e desde então cooperou ativamente nas atividades desenvolvidas, inclusive nos cinco primeiros simpósios e nos três primeiros Institutos Interamericanos de Lingüística. Quando do 3º Instituto Interamericano de Lingüística, realizado em São Paulo em 1969, suas condições de saúde não lhe permitiram assumir cursos, como havia assumido em Montevidéu e no México, mas colaborou intensamente nos trabalhos de organização, não só do Instituto Lingüístico, mas também do Simpósio do PILEI. Aderiu igualmente à idéia da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL), da qual foi fundador e de que veio a ser presidente, tendo organizado o Congresso de São Paulo em 1969. E, em termos mais amplos, foi ainda membro do Comitê Internacional Permanente de Lingüistas, promotor dos congressos internacionais de lingüística.

Tudo o que acabo de dizer não é uma avaliação da obra científica de Mattoso Câmara Jr., mas deve contribuir para essa avaliação. A obra de Mattoso Câmara Jr. não pode ser avaliada exclusivamente com base nos estudos que publicou sobre a língua portuguesa e sobre as línguas indígenas, mas, como toda obra de cientistas que viveram e trabalharam fora dos grandes e dos médios centros científicos, tem de ser considerada em função das condições oferecidas pelo meio em que viveu e trabalhou, em relação a sua interação com esse meio e ao progresso do conhecimento que aí tenha contribuído para operar, assim como por referência à alteração que haja causado no próprio meio, especialmente através do desenvolvimento institucional na sua área de competência e atuação. Mattoso foi, sem dúvida, um pioneiro e, como tal, esteve praticamente isolado em grande parte de seu trabalho, experimentou a incompreensão e a hostilidade de seus colegas de formação tradicional e espírito conservador, e viu-se tolhido no seu justo anseio de maior participação na vida universitária.

Ser pioneiro não significa necessariamente ser o primeiro. Outros estudiosos procuraram introduzir os estudos científicos da linguagem no Brasil antes de Mattoso e paralelamente a ele (por exemplo, José Oiticica, Jorge Bertolaso Stella, Rosário Farani Mansur Guérios, Theodoro Henrique Maurer Jr., etc.). Só Mattoso, entre tanto, conseguiu exercer uma ação realmente decisiva, devido à ampla compreensão que desde cedo desenvolveu acerca da linguagem e das línguas e à pertinência e à sabedoria com que atuou através de seus livros. Realmente, a importante influência de Mattoso Câmara Jr. sobre os estudos da linguagem no Brasil foi exercida essencialmente através dos livros e artigos. Com a talvez única exceção de Yonne de Freitas Leite, Mattoso não teve alunos que se tornassem seus discípulos. Em compensação, os seus escritos atuaram positivamente sobre milhares de estudiosos da língua e da lingüística, ao longo de trinta anos, não só grangeando-lhe o notável renome de intelectual sério que todos nós re-

conhecemos, mas criando nos principais centros acadêmicos do País uma base cultural favorável à renovação dos estudos lingüísticos, sem a qual por certo não estaríamos aqui, hoje, testemunhando um grande afluxo de estudantes pós-graduandos neste VI Instituto Brasileiro de Lingüística.

BIBLIOGRAFIA:

- CÂMARA Jr. J. Mattoso. 1939-1940. "Lições de lingüística geral". Revista de Cultura 25: 99-104, 183-189, 216-222, 279-284; 26: 43-47, 81-86, 177-185; 27:21-27 , 83-88, 141-146, 202-208; 28: 11-17.
- , 1942. Princípios de lingüística geral como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Briguiet.
- , 1944. "Lingüística e etnografia". Revista do Museu Nacional 1:27-31.
- , 1945. Os estudos lingüísticos nos Estados Unidos da América do Norte. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- , 1946. "Otto Jespersen". Boletim de Filologia (Rio) 1: 149-152.
- , 1949. Recensão de N.S. Trubetzky, Principes de Phonologie. Boletim de Filologia (Rio) 2: 53-54.
- , 1952. Contribuição para uma estilística da língua portuguesa. Rio de Janeiro.
- , 1953. Contribuição à estilística portuguesa. (2ª edição do precedente.) Rio de Janeiro: Organização Simões.
- , 1953. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- , 1954. "Prefácio do tradutor". In: Edward Sapir, 1954: 7-14.
- , 1955. "O Sexto Congresso Internacional de Lingüística". Revista Brasileira de Filologia 1:53-59.
- , 1956. "Gonçalves Viana and the phonic sciences". In: Morris Halle et alii (orgs.) 1956. For Roman Jakobson. Haia: Mouton. Pp. 328-331.
- , 1955. "A Conferência de Indiana entre antropólogos e lingüistas". Revista Brasileira de Filologia 1:187-195.
- , 1956. "Roman Jakobson". Revista Brasileira de Filologia 2:55-64.
- , 1956. "Gonçalves Viana and the phonic sciences". In: Morris Halle et alii (orgs.). 1956. For Roman Jakobson. Haia: Mouton. Pp. 328-331
- , 1956. "A teoria sintagmática de Mikus". Revista Brasileira de Filologia 2:245-259.

- CÂMARA Jr. J. Mattoso. 1956. Dicionário de fatos gramaticais. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa.
- _____, 1956. Uma forma verbal portuguesa: estudo estilístico-gramatical. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. (Reproduzido em 1967 com o título: A forma verbal portuguesa em -ria. Washington, D.C.: Georgetown University Press).
- _____, 1957. "Ele comme un accusatif dans le portugais du Brésil". in: Diego Catalán (org.). 1957. Miscelânea homenagem a André Martinet, vol. 1. , Canarias: Universidad de La Laguna. Pp. 39-46.
- _____, 1957. Manual de transcrição fonética. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- _____, 1959. Alguns Radicais Jê. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- _____, 1959. A obra lingüística de Curt Nimuendajú. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- _____, 1959. "Classificação das línguas indígenas brasileiras". Letras (Curitiba) 10: 56-65.
- _____, 1959. "Do estudo tipológico em listas de vocábulo indígenas brasileiros". Revista de Antropologia 7:23-30.
- _____, 1959-1960. "Glotocronologia e estatística léxica". Revista Brasileira de Filologia 5: 209-215.
- _____, 1962. Ensaio machadiano: língua e estilo. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- _____, 1964. Princípios de lingüística geral como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- _____, 1965. Introdução às línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- _____, 1966. "Considerações sobre o gênero em português". Estudos Lingüísticos 1(2):1-9.
- _____, 1966. "Para o estudo descritivo dos verbos irregulares". Estudos Lingüísticos 1(1):16-27.
- _____, 1967. "O estruturalismo lingüístico". Tempo Brasileiro 15/16:5-43.
- _____, 1967. "Maurício Swadesh (1909-1967)". Estudos Lingüísticos 2:112-115.
- _____, 1967. "A note on Portuguese noun morphology". In: To honor Roman Jakobson, vol. 2. Haia: Mouton. Pp. 1311-1314.
- _____, 1969. Problemas de lingüística descritiva. Petrópolis: Vozes.
- _____, 1970. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes.

- CÂMARA Jr. J. Mattoso. 1972. The Portuguese language. Chicago & London: The University Of Chicago Press.
- COSERIU, Eugenio. 1968. "General perspectives". In: Thomas A. Sebeok (org.). 1968 . Current trends in linguistics IV: Ibero-American and Caribbean linguistics. Haia: Mouton. Pp. 5-62.
- HALL, Jr. Robert A. 1943. "The unit phonemes of Brazilian Portuguese". Studies in Linguistics 1(15):1-6.
- JAKOBSON, Roman. 1967. Fonema e fonologia: ensaios. Seleção, tradução e notas, com um estudo sobre o autor, por. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- MUSEU NACIONAL. 1965. O Setor Lingüístico do Museu Nacional (organização e objetivos). Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- NARO, Anthony J., and John Reighard. 1972. "Analytical bibliography of Joaquim Mattoso Câmara Jr." In: Câmara 1972: 235-260.
- REED, David W., and Yolanda Leite. 1947. "The segmental phonemes of Brazilian Portuguese: standard Paulista dialect". In: Kenneth L. Pike. 1947. Phonemics: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: University of Michigan Press. Pp. 194-202.
- SAPIR, Edward. 1954. A linguagem: introdução ao estudo da fala. Traduzido por J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- , 1961. Lingüística como ciência: ensaios. Seleção, tradução, notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- STEN, Holger. 1944. Les particularités de la langue portugaise. Copenhague: Munksgaard.
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. 1972. "Bibliografia de Joaquim Mattoso Câmara Jr." In: J. Mattoso Câmara Jr. 1972. Dispersos. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. Pp. XXIII-XLII.